

Burhinus oediconemus

Alcaravão

Taxonomia**Família:** *Burhinidae***Espécie:** *Burhinus oediconemus* (Linnaeus 1758).**Código da Espécie :** A133**Estatuto de Conservação:****Global** (UICN 2004): LC (Pouco preocupante).**Nacional** (Cabral *et al.* 2005): VU (Vulnerável).**Espanha** (Madroño *et al.* 2004): NT (Quase ameaçado).**SPEC** (BirdLife International 2004): 3 (Espécie com estatuto de conservação desfavorável, não concentrada na Europa).**Protecção legal:**

- Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro - Anexo I
- Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna - Anexo II
- Decreto-Lei n.º 103/80 de 11 de Outubro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Bona - Anexo II

Fenologia: Residente.

A população da Península Ibérica comporta-se fundamentalmente como ave sedentária podendo, no entanto, apresentar movimentos dispersivos e pequeno acréscimo de aves invernantes. As populações do Norte e Este Europeu são migradoras, invernando no Sul da Europa, Norte de África e no Sul do Saara (Heath 1994).

Distribuição:

Global: O Alcaravão ocorre em latitudes baixas e médias baixas no Mediterrâneo, estepes, zonas de clima temperado moderado, zonas áridas de clima continental e ilhas do Atlântico e do Mediterrâneo (Cramp & Simmons 1983). No Paleártico distribui-se na Europa do Sul e Central, perfazendo um quarto da população mundial, nomeadamente na Albânia, Alemanha, Áustria, Bielorrússia, Bulgária, Croácia, Chipre, Eslováquia, Espanha (incluindo as Ilhas Canárias), França, Grécia, Hungria, Itália, Polónia, Portugal Continental, Reino Unido, República Checa, Roménia, Rússia, Turquia e Ucrânia (BirdLife International/European Bird Census Council. 2000, Heath 1994).

Nacional: Em Portugal continental a população nidificante desta espécie encontra-se distribuída pelas regiões do interior Norte e Centro e por todo o território a sul do Rio Tejo, sendo claramente mais abundante no Sul do país (Rufino 1989). Relativamente à população invernante, e apesar de não existirem elementos seguros que permitam delimitar com precisão a sua actual distribuição no nosso país, é de esperar que a tendência de maior concentração populacional na região sul do território nacional se mantenha (Brito 1998).

Tendência Populacional:

As populações do Noroeste da Europa e Europa Central têm sofrido, nos últimos 20-30 anos, uma forte regressão, cuja causa principal é atribuída às alterações dos habitat tradicionais de

fauna, *aves*

nidificação (Heath 1994). Em Portugal, embora se desconheça a tendência geral no país, observações efectuadas em algumas regiões indicam decréscimo no número de efectivos.

Abundância:

A população europeia deverá estar entre os 40.000 ó 150.000 casais, albergando a Península Ibérica a maior população reprodutora desta espécie (Barros 1994 *in* Brito 1996). A população reprodutora portuguesa está estimada em 1.000 ó 10.000 indivíduos (Heath 1994).

Requisitos ecológicos:

Habitat: Os requisitos de habitat do Alcaravão, são semelhantes ao longo de todo o ano, sendo essencial a existência de áreas amplas que permitam uma boa visibilidade, e terrenos secos sem obstáculos que impeçam a corrida, visto tratar-se de uma espécie essencialmente terrestre (Cramp & Simmons 1983).

Frequenta uma grande variedade de habitats, tais como; matos mistos com vegetação rasteira e pequenas áreas de solo descoberto; pastagens semi-naturais secas, pastoreadas por ovinos ou frequentada por coelhos, em terrenos calcários, muitas vezes com arbustos de *Juniperus*; dunas extensas e áreas com areias nuas e vegetação herbácea rasteira; pântanos secos e caminhos salinos ou alcalinos durante a época sazonal de seca; ilhotas de gravilha, areia e lodo, margens ao longo de rios onde o caudal é sazonalmente alterado e em lagos, lagoas ou junto à costa; pastagens pobres e pedregosas, estepes e zonas limítrofes de desertos; áreas não cultivadas extensivamente, particularmente as que proporcionam uma sucessão de solo arado descoberto ou pousios ou plantações abertas; áreas mantidas sem vegetação alta e densa, para fins militares, golfe ou como áreas de caça ou zonas de extracção de minérios ou indústria; localmente e quando não perseguida em pequenas áreas cultivadas, vinhas e jardins perto de povoações e quintas (Cramp & Simmons 1983). Evita qualquer tipo de vegetação densa ou alta, assim como o frio, vento e nevoeiro intenso, ou condições húmidas e Verões curtos em regiões de latitudes mais elevadas (Cramp & Simmons 1983).

Em Portugal, frequenta habitats abertos com vegetação herbácea e/ou arbustiva rala, com poucas ou nenhuma árvores, como dunas, pousios e culturas arvenses de sequeiro. Prefere locais a baixa altitude, ocorrendo ainda em planalto e, ocasionalmente, em searas (Rufino 1989). O ninho é feito no solo em zonas abertas, preferencialmente em superfícies irregulares e fragmentadas, mas também em superfícies planas com vegetação rasteira; muitas vezes em ramos ócaídos, pequenos arbustos, etc. (Cramp & Simmons 1983).

Em Mourão as preferências desta espécie, em período reprodutor, estavam significativamente associados ao tipo de habitat incultos, apresentando no local de postura uma maior percentagem de solo nu e de pedregosidade e menor cobertura e altura da vegetação (Brito 1996).

Alimentação: A dieta alimentar é composta essencialmente por invertebrados terrestres e pequenos vertebrados, obtida ao crepúsculo e durante a noite. Na época de nidificação, também pode alimentar-se durante o dia, especialmente durante a incubação ou quando as crias são grandes (Cramp & Simmons 1983).

Reprodução: O período reprodutor é consideravelmente extenso, podendo ir de Março a Junho (Barros 1994 *in* Brito 1996), também verificado por Brito (1996) para a região de Mourão. Durante este período os casais podem agrupar-se em busca de alimento, usualmente ao crepúsculo. Espécie monogâmica. Ambos os progenitores cuidam da descendência. Crias precoces e nidífugas (Cramp & Simmons 1983).

Ameaças:

A **intensificação da agricultura** através de monoculturas cerealíferas em detrimento de outros usos como leguminosas e pousios, resulta na redução do mosaico agrícola com decréscimo da diversidade de habitat e traduz-se em diminuição na disponibilidade alimentar e de locais importantes para a reprodução. O incremento dos tratamentos agrícolas (adubos, herbicidas, etc) permite aumentar o rendimento da terra com conseqüente redução da área de pousio: traduz-se

fauna, *aves*

em diminuição (qualitativa e quantitativa) da disponibilidade alimentar por eliminação de um importante biótopo de alimentação, rico em insectos. Além disso a transformação de culturas de sequeiro em regadio afecta negativamente as espécies, conduzindo a perda de diversidade de habitats resultante da supressão de rotação de culturas.

A **florestação de áreas abertas**, nomeadamente com espécies de rápido crescimento, resulta na perda de habitat e induz o aumento das taxas de predação nas áreas adjacentes.

A **construção de estradas, albufeiras, outras infraestruturas** e introdução de outras actividades humanas resultam em perda de habitat adequado à alimentação e reprodução e são factores de fragmentação de habitat. Acrescem ainda perturbação na fase de instalação e por vezes durante a fase de exploração.

O aumento da **utilização de agro-químicos** intervém directa e indirectamente nas populações de aves, aumentando a mortalidade e reduzindo a capacidade reprodutiva e a disponibilidade alimentar (nomeadamente, invertebrados).

O **sobrepastoreio** afecta a composição e estrutura da vegetação, reduzindo a disponibilidade alimentar. A presença de gado em alta densidade nos locais de nidificação representa, também, perigo elevado de pisoteio dos ninhos e das crias.

A utilização de **maquinaria agrícola** perturba a espécie especialmente na época de nidificação. Destruição das posturas e das crias, durante a lavoura.

O aumento de **predadores de ovos e crias**, por corvídeos e cães assilvestrados pode influir no êxito reprodutor das espécies de aves que nidificam no solo.

A **actividade cinegética** afecta directamente a espécie através da caça ilegal e gera movimentação de pessoas e ruído que, causando perturbação, fazem com que o tempo dedicado pelas aves à alimentação seja substituído pela vigilância.

A **colisão com linhas aéreas de transporte de energia** é um importante factor de mortalidade em aves gregárias, particularmente em dias de fraca visibilidade.

A **expansão urbano-turística** resulta na perda e fragmentação do habitat e na introdução de perturbação.

As **actividades recreativas e desportos com veículos motorizados**, causam *stress* nas aves, vôos de fuga em condições desfavoráveis (com risco de danos associados) e uma redução do tempo dedicado pelas aves à alimentação. A redução da tranquilidade pode levar ao abandono de locais seleccionados para reprodução e alimentação.

Objectivos de Conservação:

Manter/aumentar a população

Conservar as zonas de nidificação e alimentação.

Orientações de Gestão:

- Promover cerealicultura extensiva com rotação de culturas, assegurando o mosaico agrícola, mediante a aplicação de medidas agro-ambientais e/ou indemnizações compensatórias;
- Promover o pastoreio extensivo e condicionar o encabeçamento nas áreas mais importantes de reprodução;
- Proibir ou condicionar a intensificação agrícola em áreas importantes para a espécie;

fauna, *aves*

- Incrementar a sustentabilidade económica das áreas estepárias através da certificação de produtos provenientes de áreas amigas da avifauna estepária;
- Controlar as populações de cães assilvestrados em áreas onde se verifique predação;
- Restringir a construção de estradas, albufeiras e outras infraestruturas em ZPEs importantes para avifauna estepária;
- Regular o uso de pesticidas e adoptar técnicas de pestes alternativas, como por exemplo utilizar substâncias mais facilmente degradáveis, cujo impacto ambiental não seja tão nefasto;
- Restringir a utilização de maquinaria agrícola durante a época de nidificação ou remover as crias em risco para parcelas contíguas;
- Fiscalizar as actividades cinegéticas;
- Implementar normas de gestão cinegética nas áreas de habitat destas espécies em Áreas Classificadas (Áreas de Caça);
- Condicionar a instalação de linhas eléctricas de transporte de energia nas áreas mais importantes para a espécie no nosso país;
- Equipar as linhas eléctricas de transporte de energia com sinalizadores anti-colisão e armações de apoios seguros para aves;
- Desenvolver estudos de monitorização do impacto das linhas eléctricas de transporte de energia já existentes, tendo em conta a sua localização geográfica, a sua situação em termos de habitats e a sua tipologia de equipamento, de forma a conhecer o seu efeito na população nacional destas aves;
- Monitorizar os parâmetros populacionais (avaliação das tendências na distribuição e tamanho da população)
- Estabelecer uma estratégia conjunta Portugal/Espanha visando a conservação das aves dependentes da estepe cerealífera;
- Sujeitar projectos de construção e asfaltamento de caminhos municipais e de linhas eléctricas de alta tensão a AIA, tendo em conta a perda de habitat estepário e a sua fragmentação, o incremento esperado no número de predadores e o efeito cumulativo/sinérgico dos projectos individuais;
- As AIA referentes a projectos de construção de estradas, vias férreas, linhas eléctricas, outras infra-estruturas, plantações florestais, vinhas e perímetros de rega e outros usos devem ter em conta a perda de habitat estepário e a sua fragmentação, o incremento esperado no número de predadores e o efeito cumulativo/sinérgico dos projectos individuais;
- Controlar a expansão urbano-turística em áreas importantes para a avifauna estepária;
- Proibir ou condicionar a florestação nas áreas mais importantes para a conservação da avifauna estepária;
- Ordenar a actividade turística e a prática de desporto de natureza em áreas importantes para a avifauna estepária;
- Inventariar as zonas com características estepárias no Alentejo;
- Informar a comunidade rural e a população em geral sobre os valores naturais das áreas agrícolas extensivas de sequeiro e sobre as necessidades de conservação das espécies delas dependentes.

Outra informação relevante:

Espécie essencialmente nocturna. Segundo Barros (1994 *in* Brito 1996), durante o Inverno esta espécie manifesta um comportamento gregário, permanecendo durante o dia em dormitórios e entrando em actividade por altura do pôr-do-sol, momento em que os indivíduos se separam em bandos de menores dimensões e se dirigem para os locais de alimentação (Brito 1998).

Bibliografia:

Almeida J, Cardoso A C, Claro JC, Cruz CM, Pinto M, Rocha P & Silva JP (2003). *Plano de acção para a conservação das aves dependentes da estepe cerealífera. 1ª fase: Abetarda,*

Sisão, Cortiçol-de-barriga-negra, Tartaranhão-caçador, Peneireiro, Grou. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa. Relatório interno.

BirdLife International / European Bird Census Council (2000). *European bird populations: estimates and trends.* BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

BirdLife International (2004). *Birds in Europe: Population Estimates, Trends and Conservation Status.* BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

Brito P (1996). *Aspectos sobre a selecção de habitat e biologia da reprodução do Alcaravão* *Burhinus oedicnemus numa região do Alto Alentejo.* Relatório de estágio da Licenciatura em Biologia. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Brito P (1998). *Alcaravão* *Burhinus oedicnemus.* In: Atlas das Aves Invernantes do Baixo Alentejo. Pp.170-171. Elias GL, Reino LM, Silva T, Tomé T & Geraldés P (coords.). Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, Lisboa.

Cabral MJ (coord.), Almeida J, Almeida PR, Dellinger T, Ferrand de Almeida N, Oliveira ME, Palmeirim JM, Queiroz AI, Rogado L & Santos-Reis M (eds.) (2005). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal.* Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

Costa H, Araújo A, Farinha JC, Poças MC & Machado AM (2000). *Nomes Portugueses das Aves do Palearctico Ocidental.* Assírio & Alvim, Lisboa

Cramp S & Simmons KEL (eds.) (1983). *Handbook of the Birds of Europe, the Middle East and North Africa, (Waders to Gulls),* Vol. III. Oxford University Press, Oxford.

Heath M (1994). *Stone Curlew* *Burhinus oedicnemus.* In: Birds in Europe: their conservation status. Pp. 244-245. Tucker GM & Heath MF. BirdLife Conservation Series No. 3. BirdLife International, Cambridge.

Madroño A, González C & Atienza J C (eds.) (2004). *Libro Rojo de las aves de España.* Dirección General de Conservación de la Naturaleza, Ministerio de Medio Ambiente / Sociedad Española de Ornitología / BirdLife, Madrid.

Rufino R (1989). *Atlas das Aves que nidificam em Portugal Continental.* Centro de Estudos de Migrações e Protecção de Aves, Serviço Nacional de Parques Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.

SNPRCN (1990). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. Vol. I – Mamíferos, Aves, Répteis e Anfíbios.* Serviço Nacional de Parques e Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.

UICN (2004). *2004 IUCN Red List of Threatened Species.* <<http://www.redlist.org>> .